



RESENHA – REVIEW - RESEÑA

CIDADÃO ARGENTINO NA DIREÇÃO DO BANCO CENTRAL (E DA CEPAL, DA UNCTAD, ETC.)

ARGENTINA CITIZEN CONDUCTS THE CENTRAL BANK (AS WELL AS ECLA, UNCTAD, ETC.)

CIUDADANO ARGENTINO DIRIGE EL BANCO CENTRAL (BIEN COMO LA CEPAL, UNCTAD, ETC.)

Por: Paulo J. Krischke

PhD em Ciência Política pela York University, Canadá, pesquisador sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), professor do Doutorado em Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-Mail: krischke@cfh.ufsc.br

DOSMAN, Edgar J. **The life and times of Raúl Prebisch, 1901-1986**. Montréal: McGill-Queens University Press, 2008. 599 p.

Tomei emprestado o início do título desta resenha da coluna recente de Maílson da Nóbrega (Revista Veja de 11 de fevereiro 2009, p.92), defendendo critérios técnicos, de mérito administrativo e independência ideológica, para avaliação e aperfeiçoamento das políticas financeiras do Estado. O autor considera ser o título “apenas uma provocação”—tendo em conta que contraria legislação brasileira. Mas essa provocação existiu realmente na história, senão no Brasil, na própria Argentina e na ONU. Porque esses critérios foram também defendidos pelo economista argentino Raúl Prebisch, na sua longa trajetória de combate à xenofobia e à polarização política, tanto no seu país de origem como no plano internacional. Esses são critérios bem difundidos hoje, quase um lugar comum nas práticas de governo, inclusive no Brasil – apesar das constantes denúncias de manipulação partidária das políticas redistributivas, por exemplo.

Quando Prebisch adotou essas práticas, na formação e liderança do banco central da Argentina, na década de 1930, não havia praticamente nenhum

precedente institucional que garantisse essa independência dos órgãos de direção financeira, face à depressão econômica que se abateu sobre o mundo nessa época. O liberalismo clássico “*laissez faire*” era o pensamento único da economia até então, a crítica marxista não era considerada relevante, e as contribuições de Keynes apenas começavam a ser conhecidas, inclusive as que seriam adotadas nos anos 40 pelo “*New Deal*” de Roosevelt. Mas Prebisch logo viu as oportunidades que se abriam durante a II Guerra, com o *débacle* do império britânico, e a ascensão econômica dos Estados Unidos, e tratou de resituar a Argentina nesse contexto.

É claro, contudo, que desde a I Guerra, de 1914-1918, a economia e a política mundial vinham mudando profundamente, com a emergência do socialismo, e a expansão das cidades, da indústria, dos trabalhadores e das classes médias. Buenos Aires era uma das principais capitais do mundo nessa época, com um padrão e estilo de vida europeu graças à renda excepcional das exportações, e à formação cultural dos seus habitantes, em sua maioria imigrantes. O Partido Radical já era governo, capaz de disputar o controle do país com as oligarquias rurais.

Foi a partir desse quadro de efervescência política que o jovem Prebisch realizou sua formação como economista e começou rápida ascensão profissional. Desde meados dos anos 30 alcançou a liderança do banco central, para combater os efeitos da grande depressão e estabilizar a economia argentina. Nisso cumpriu um papel sem precedentes, até sua expulsão do banco central (1943) pelo golpe militar que trouxe Perón ao poder. A partir dessa década iniciou uma carreira de 30 anos como alto funcionário das Nações Unidas, quando difundiu no plano internacional a controvérsia ao redor do seu nome, como defensor do “estruturalismo econômico”, em oposição ao liberalismo convencional.

Esta nova biografia de Raúl Prebisch tem o mérito de mostrar as interações de sua trajetória com os desafios e oportunidades de sua época; e com isso escapa da antinomia usual, que opõe os detratores de sua pessoa, aos outros, que exaltam suas virtudes de modo incondicional. Desse ponto de vista, Prebisch emerge como um inovador arguto, inteligente e visionário, que encontrou forte oposição e grande dificuldade para realizar apenas parte de suas idéias e propostas, conforme as circunstâncias que ajudou a transformar.

Outro mérito do livro é sua linguagem fluente e seu bom humor, sempre contagiante. No final de um dos primeiros capítulos o autor descreve a importância e

o entusiasmo da descoberta na universidade, pelo jovem Prebisch, da teoria das elites de Pareto. Constata também a falta de líderes economistas, que o estudante lamenta no país. O capítulo conclui então, quase que incidentalmente: “Em suma, Prebisch precisava de um emprego” (p. 42)

Há muitos episódios anedóticos da vida de Prebisch, que o autor do livro utiliza para ilustrar, dramática ou comicamente, certos pontos de contraste ou de inflexão de sua evolução teórica e prática, com relação a seus contemporâneos. Por exemplo, quando perde sua posição no banco central argentino, Prebisch recebe cartas de Eugenio Gudín e outros economistas brasileiros, que pedem sua participação em reuniões no Rio de Janeiro, com vistas à formação de um banco central brasileiro. A participação não acontece, mas a correspondência (parte da vasta documentação reunida por Dosman) permite ilustrar as muitas diferenças entre os regimes contemporâneos de Vargas e Perón. Certo momento Gudín afirma que, em contraste com o surto inflacionário peronista, no Brasil “a inflação estava sob o controle da Bendita Virgem – na verdade duas Marias, Nossa Senhora das (baixas) Importações, e Nossa Senhora do (reduzido) Crédito”. (p.222)

Entre outras coisas, o episódio retrata o caráter errático do intervencionismo de Vargas, que longe do distributivismo populista de Perón, seria depois caracterizado como “*muddling through*” nas iniciativas de nacionalização em Volta Redonda e na Petrobrás (John Wirth, 1973. A Política do Desenvolvimento na Era de Vargas, São Paulo: Editora da Fundação Getúlio Vargas). Esse pragmatismo varguista permitiu conciliar os interesses tradicionais com outros voltados à industrialização e ao mercado interno. Isto Prebisch também pretendia, mas não conseguiu realizar, a partir dos precedentes iniciados pelo governo dos Radicais na Argentina. Independente de como interpretarmos esses fatos, eles são minuciosamente documentados no livro. E é certo que depois de Perón Prebisch nunca mais conseguiu atuar na Argentina, embora fizesse mais de uma tentativa frustrada, por último já no governo de Alfonsín.

Outra contribuição desta biografia é relativizar certos estereótipos que brasileiros e argentinos formamos uns dos outros – por exemplo, conciliadores VS confrontadores. Seguindo a carreira de Prebisch desde sua infância e juventude, podemos apreciar que sua personalidade não apenas retrata o seu meio social – que foi também variado, com o pai imigrante e a mãe de um ramo empobrecido da

oligarquia. Raúl influiu decisivamente (e soube escutar e exercer liderança) onde quer que estivesse. Inclusive no exercício de seus cargos de direção na ONU (CEPAL-ILPES-UNCTAD), ele deveu dialogar constantemente com a burocracia dos governos e da própria ONU – muitas vezes enfrentando e mudando as idéias e políticas dominantes, mas nem sempre logrando realizar os seus próprios propósitos, talvez demasiado ambiciosos.

Na verdade, todo este livro é admiravelmente construído, mostrando constantemente as combinações específicas, que ocorrem entre as tendências subjetivas, familiares e de sociabilidade do biografado, e os fatos e condições históricas que daí resultam, ou os que constroem suas opções de vida e de trabalho. O Raúl Prebisch que daí emerge não é um gênio intelectual, ou um anjo de moralidade, nem mesmo um líder incontestado ou pensador sistemático. Há uma simpática dispersão nessa biografia, que acompanha a própria inconstância da vida e de suas oportunidades de realização, no contexto atribulado do segundo pós-guerra. Se há uma mensagem central neste livro é a de que Raúl Prebisch ficou famoso, mas era imperfeito como todos nós. E que talvez muito do seu sucesso deve-se mais às imperfeições e ao caráter incompleto dos seus esforços e resultados, quando logrou o apoio de importantes lideranças internacionais.

De modo geral, o livro mostra que Prebisch teve grande êxito, principalmente no seu esforço de construção institucional (CEPAL e UNCTAD), considerando o caráter tumultuado da política internacional no contexto da guerra fria. Mesmo assim, não é de surpreender que algumas de suas iniciativas tenham sofrido derrotas importantes -- como na proposta da CEPAL de criar um mercado comum latino-americano, inspirada primeiro pela “Operação pan-americana” reclamada por Juscelino Kubitschek, e depois pela “Aliança para o progresso” lançada por John Kennedy. Depois de anos essa iniciativa acabou diluída num simples acordo tarifário (a ALALC) – o qual mesmo assim não se cumpriu.

Mas o fracasso talvez mais marcante de Prebisch foi o do ILPES, constantemente ameaçado, centralmente defendido, mas progressivamente esvaziado durante as suas gestões na CEPAL e UNCTAD. Aqui cabe uma digressão, que permita apreciar a importância do ILPES na estratégia de construção institucional e intelectual da CEPAL. O Instituto Latino Americano de Planejamento Econômico e Social foi lançado por Prebisch logo no início de sua gestão, para

realizar com autonomia crítica, programas de formação, estudos e pesquisas que a própria CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina) não podia implementar, devido a sua dependência política e institucional dos governos da região e do mandato da ONU.

Mas o problema é que o ILPES continuou dependendo financeiramente, assim como a própria CEPAL, dessas mesmas fontes oficiais. Embora tenha exercido toda a sua liberdade e criatividade em seus programas de estudos, tendo formado toda uma multidão de técnicos e profissionais da região, em seus cursos especiais sobre o desenvolvimento, o ILPES teve sempre dificuldade para manter suas linhas de financiamento, e mesmo para conseguir publicar suas pesquisas.

Alguns exemplos que interessam ao Brasil ilustram essas dificuldades. Nesta biografia Dosman documenta a pressão recebida por Prebisch do ministro Roberto Campos logo após o golpe militar de 1964, no sentido de que o governo brasileiro suspenderia seu aporte a CEPAL-ILPES caso estes organismos recebessem em Santiago do Chile os exilados brasileiros. Podemos entender as implicações desta ameaça, e seus possíveis exemplos para as ditaduras e governos militares da época. Mas Celso Furtado, que fora ministro de João Goulart, passou a cumprir papel destacado em CEPAL-ILPES, segundo em comando apenas a Prebisch e como seu possível sucessor. Mesmo assim não foi possível publicar no contexto das Nações Unidas, os importantes estudos que ali escreveu, sobre o Brasil e sobre o México. Diante disso, e face às pressões recebidas, Furtado teve que partir para a Europa, depois de sua tentativa de ficar alguns anos na América Latina. Outro exemplo do mesmo tipo ocorreu depois com Fernando Henrique Cardoso, que escreveu no ILPES com Enzo Falletto, seu clássico estudo sobre “Dependência e Desenvolvimento na América Latina”, o qual só foi publicado posteriormente no México.

Na fase final de decadência do ILPES, quando suas finanças foram de todo cortadas pela ONU, seus pesquisadores estavam divididos durante a crise final do governo de Allende. CEPAL e ILPES tinham sua sede no Chile, e Prebisch sempre fora amigo pessoal tanto de Eduardo Frei como de Salvador Allende. Diante disso, Prebisch resolveu pedir demissão antes de terminar o mandato no ILPES. Dosman escreve: “Que modo de concluir uma carreira brilhante! O fundador do estruturalismo e criador da UNCTAD foi reduzido a lutar pela menor das siglas que criou: o ILPES.

É como se fosse um ex-arcebispo disputando uma capela lateral de uma remota igreja no campo...” (p.462). Mas essa atitude expressava tanto a firmeza da liderança de Prebisch, como a liberdade institucional que costumava incentivar.

Contudo, esta derrota no ILPES pode ter tido um sentido simbólico mais profundo. Considerando os objetivos com que foi criado, e os resultados positivos que alcançou, o ILPES representou também todo um programa irrealizado de aprofundamento teórico da ciência da economia, que Raúl Prebisch apenas começou, prometeu retomar, mas sempre adiou indefinidamente. O chamado “estruturalismo”, com suas noções-chave de “centro-periferia”, “termos desiguais de intercâmbio”, “subdesenvolvimento”, etc. -- serviu principalmente para confrontar e desmascarar de modo radical o liberalismo clássico, com suas “vantagens comparativas”, “mão invisível do mercado” e pretensa abstenção econômica do Estado. A nova geração marxista da “teoria da dependência” foi quem mais aproveitou as intuições do “estruturalismo econômico”, embora divergindo radicalmente dos métodos e diagnósticos de Prebisch.

Hoje, mais do que nunca antes se percebe, que esses desafios teóricos e práticos seguem pendentes, graças ao exemplo deixado por Raúl Prebisch, que dedicou as suas maiores energias e melhores intuições à reforma das mentalidades e instituições, antes que ao aperfeiçoamento teórico e doutrinário de sua disciplina.

Observo para concluir, que este livro apresenta vasta documentação sobre o tema, inclusive uma lista com todas as obras publicadas de Prebisch, bem como dos documentos internacionais de sua autoria, e os arquivos pessoais e institucionais em que podem ser encontrados. Inclui também fotos da sua trajetória pessoal, familiar e profissional, e uma lista selecionada de obras e artigos sobre o seu pensamento e temas correlatos. É de esperar que o livro logo encontre tradução no Brasil e demais países da América Latina, para que pesquisadores e estudantes possam apreciar cada vez mais as “provocações” que esse legado nos suscita, e dar continuidade a seus objetivos.

Resenha:

Recebida em: 13/05/2009

Aceita em: 26/05/2009